

cursivas em geral estariam comodamente inseridas no nível da 'ideologia' como algo que se contrapusesse a um suposto 'real', ou, como ocorre no campo da Antropologia, quando se designa o conjunto dos sistemas simbólicos com esse termo a fim de distingui-lo da 'cultura material'. Assim, parece-me pelo menos discutível a posição de um DUMÉZIL que subsume os mitos indo-europeus num modelo de «*ideologia trifuncional*». Algo semelhante se encontra também no modelo lévi-straussiano do *bricolage* que leva esse antropólogo a sustentar uma significação desse gênero ao concluir: «O pensamento mítico edifica conjuntos estruturados por meio de um conjunto estruturado, que é a linguagem; mas não é no nível da estrutura que ele se apodera dela: ele constrói seus palácios ideológicos com as ruínas de um discurso social antigo» [1969:32]. Ao contrário desses usos que operam uma identificação ou uma inclusão de classes (no sentido lógico dos termos), prefiro antes pensar numa dialética entre 'mito' e 'ideologia' dentro do campo de produção do sentido.

Tão-pouco me parece boa via para o debate da questão a concepção de ideologia embutida na perspectiva de MARX, que o faz afirmar na *Introdução Geral à Crítica da Economia Política* (e, de passagem, sublinho que não deixa de impressionar o fato de que ele utiliza a mesma metáfora e o mesmo termo que LÉVI-STRAUSS): «A sociedade burguesa é a organização histórica da produção mais desenvolvida e mais diferenciada que existe. As categorias que exprimem suas condições e a compreensão de sua estrutura permitem ao mesmo tempo compreender a estrutura e as relações de produção de todos os tipos de sociedades desaparecidos, sobre as ruínas e os elementos dos quais ela se edificou e dos quais certos vestígios, não ainda ultrapassados, nela continuam a subsistir... » [Op. cit., p. 260]. Essa concepção o faz reafirmar depois com mais entusiasmo, no livro primeiro de *O Capital*: «O véu que ocultava ao olhar dos homens o fundamento material de sua vida, a produção social, começa a ser levantado durante a época manufatureira e foi inteiramente rasgado com o advento da grande indústria». Embora sua óptica seja evidentemente mais lúcida, pois que busca desvendar os mecanismos segundo os quais esse processo se dá, não há como deixar de detectar certa semelhança com a concepção comtiana do estádio positivo, assim como em relação ao evolucionismo de tipo spenceriano que então se elaborava. A idéia de que a burguesia ascendente constrói

sobre o progresso geral como imagem da história falseia o exame da questão; mesmo quando parece ser uma aquisição sólida a concepção de que as visões de mundo que os homens elaboram assentam de alguma maneira sobre um chão social e histórico. No entanto, também sabemos hoje que povos quase inteiramente desprovidos de tecnologias materiais sofisticadas (como outrora: Australianos, Pigmeus, Bosquímanos, etc.) possuíam, por exemplo, sistemas de crenças religiosas assaz complexos e precisos; e nada permite sustentar que seus sistemas de pensamento eram “primitivos”, no sentido evolucionista do termo. Contudo, não pretendo retomar aqui a discussão que de algum modo já se fez a propósito da pretensa oposição entre pensamento mítico e conhecimento científico, com a suposta ultrapassagem do primeiro pelo segundo. Conforme já assinalei, trata-se de orientações diferentes de pensamento e não do acabamento de um lento processo de maturação cuja evolução poderia ser comprovada.

Portanto, é fácil de perceber que a tarefa de tomar a ‘ideologia’ como objeto de estudo, na perspectiva proposta na primeira parte deste ensaio, suscita as mesmas questões básicas relacionadas com o estatuto social e mental deste “objeto”, e até exigiria que se levantasse também a indagação acerca do estatuto epistemológico dos discursos que pretendem dar conta cientificamente da ‘ideologia’. E se em relação ao ‘mito’ sublinhei desde o início a enorme dificuldade de lidar com noção tão escorregadia, é mister assinalar agora que no concernente à ‘ideologia’ não são menores as armadilhas⁴⁴, nem menos amplo o espaço dos

44 Uma dessas armadilhas consiste em aceitar como evidente e como única perspectiva válida uma análise da questão em termos de classes sociais e de luta de classes. Tudo indica que isso levaria a aprisionar a análise num paradigma estreito e excludente em relação a outras experiências coletivas. Ora, como observa RICŒUR [1973], tal escolha tende a levar a uma polêmica estéril pró ou contra o marxismo, quando o de que precisamos é de um pensamento que, sem segat-lo fielmente nem combatê-lo, seja suficientemente ousado para *arruçá-lo* de um modo mais fecundo. Daí que não parece adequado, como o faz Claude LEFORT [1979: 298], postular para a ideologia uma data de nascimento histórico e, por conseguinte, circunscrevê-la a um determinado tipo de sociedade. Ainda sobre essa questão da generalização do conceito de ideologia para sociedades tribais, e sobre suas relações com a noção de ‘cultura’, ver o recente artigo de Eunice R. DURHAM: «Cultura e Ideologia», *Dados*, Rio, v. 27, n.º 1, 1984: 71-89.

Outra armadilha é certamente a posição de perfil iluminista que pretende opor *ciência a ideologia*, o que leva a análise da questão a um *cul-de-sar* teórico, já que não existe um lugar não-ideológico de onde falar a cientista: essa instância axiologicamente neutra não passa de um ardil [cf. MENEZES, E., Diatáhy B. de, 1978]. Para mencionar mais uma possível armadilha: a forte tendência a se deixar fascinar pela interpretação da ideologia como função da denominação. Daí a ênfase em suas tarefas de justificação e de dissimulação dos interesses de classe, assim como a acentuação de um caráter pejorativo que a aproxima – do mesmo modo que se costuma afirmar em relação ao mito – da ilusão, do erro, da mentira, da falsa representação, etc. Nessa mesma perspectiva reducionista, a religião é considerada a ideologia por excelência já que é ela, sobretudo, que produz a imagem invertida do homem e suas relações. Nisso, aliás, a concepção marxista utiliza o que já estava em

conflitos interpretativos. Talvez o melhor percurso para o seu exame seja aquele sugerido por W. BENJAMIN de uma composição crítica de algumas concepções, instrumentalizadas mediante o confronto de referências. Tentarei a seguir esboçar este caminho.

Sucintamente, o conceito de ideologia já foi examinado antes como ‘discurso da reduplicação’ ou da reprodução. Mas isso era insuficiente. Portanto, que significações mais freqüentes têm sido atribuídas a essa noção? Em meio a um sem-número de definições disponíveis na ampla literatura sobre o tema, tomo intencionalmente algumas que me pareceram mais adequadas para os propósitos da exposição:

«A ideologia é um processo que o chamado pensador realiza sem dúvida conscientemente, mas com uma consciência falsa. As forças motrizes verdadeiras que o põem em movimento permanecem para ele desconhecidas, senão não seria absolutamente um processo ideológico ». [Carta de ENGELS para F. MEHRING, 14 de julho de 1893, in K. MARX et F. ENGELS. *Études Philosophiques*, Paris: Édit. Sociales, 1951, p. 139].

«A ideologia é um discurso ligado à ação política. (...) como o objetivo último da política é o poder, a ideologia é o conjunto das representações que acompanham as ações que, numa dada sociedade, visam à conquista ou à conservação do poder. No total, uma ideologia é uma formação discursiva polêmica, graças à qual uma paixão busca realizar um valor pelo exercício do poder numa sociedade ». [Jean BAECHLER. *Qu'est-ce que l'Idéologie?*, 1976: 60].

«Do ponto de vista filosófico-sociológico, a ideologia representa um modo de manifestar-se, através de ‘idéias’, a constituição interna da sociedade e, por conseguinte, é tanto uma maneira de conhecimento como

FEUERBACH; e mesmo bem antes deles, já CÍCERO● sustentava que a religião era uma invenção política que tinha por finalidade primeira a de melhor governar os homens.

uma forma de ocultação». [J. Ferrater MORA. *Diccionario de Filosofia*, B. Aires: Sudamericana, 1958, p. 679].

«Ideologia – um sistema de idéias interdependentes (crenças, tradições, princípios e mitos) aceito por um grupo social ou sociedade, o qual reflete, racionaliza e defende seus interesses e compromissos particulares de ordem institucional: sociais, morais, religiosos, políticos e econômicos. A ideologia de um grupo implica uma interpretação (e usualmente um repúdio) dos referenciais ideológicos alternativos ». [THEODORSON, Georges A. and Achilles G. *A Modern Dictionary of Sociology*, London: Methuen & Co., 1970, p. 195].

«É preciso, pois, explicitar a diversidade de acepções do termo: (a) doutrina construída para justificar uma interpretação oculta da situação social, (b) ilusão inconsciente relativa a essa situação, (c) criação cultural que serve para justificar, para desculpar uma classe dominante ou não dominante, (d) conhecimento metafísico e filosófico resultante de impossível verificação, (e) religião – em razão de seu aspecto fantasmático e mítico, (f) ciências sociais, com exclusão do marxismo (mas nem sempre!). É difícil fundar uma análise da ideologia sobre o encaminhamento complexo e inacabado do pensamento de Marx, uma vez que o termo considerado abrange a totalidade da sociologia do conhecimento, de que ele pressentiu com vigor toda a importância ». [Christine BRUNET: «Ideologia» in DUVIGNAUD, Jean (org), 1974: 181].

«Os sentidos assaz vagos atribuídos ao termo ideologia pelo uso corrente recobrem um traço comum: certa dependência do pensamento em relação à sociedade. A ideologia é, portanto, uma representação mental que, em razão mesmo dessa dependência em face de diversos tipos de sociedade, vê sua origem e seu funcionamento

explicados por teorias diferentes ». [Georges THINES et Agnes LEMPEREUR. *Dictionnaire Général des Sciences Humaines*, Paris: Ed. Universitaires, 1975, p. 474].

Por essa pequena amostra de definições já é possível perceber como, do mesmo modo que os numerosos estudos sobre mito se fundam no paradigma da cultura grega, assim também as diferentes análises da ideologia continuam até hoje a se debater com o modelo de interpretação introduzido por MARX. Lamentavelmente, com raras inovações.

Desde que NAPOLEÃO, CHATEAUBRIAND⁴⁵ e MARX & ENGELS tomaram este termo com o intuito de combate político ou apologético e, conseqüentemente, com uma conotação pejorativa, desde então a ambigüidade semântica instalou-se neste território. Mas também desde MARX – que menciono isoladamente por brevidade – a ideologia se instituiu como objeto de conhecimento sociológico, numa perspectiva diversa daquela que tomara nas suas origens, ou seja, uma ‘*ciência das idéias*’, conforme a projetaram o Conde Antoine DESTTUT DE TRACY e os “ideólogos” franceses de igual tendência (CABANNIS, CONDORCET, etc.)⁴⁶. Portanto, se MARX representa inegavelmente um momento privilegiado na elaboração de uma teoria das ideologias, todavia o paradigma a que se colou o pensamento marxista e o amplo prestígio de que goza no domínio das Ciências Humanas constituem hoje o principal obstáculo à construção de novas perspectivas de análise da questão.

Mas é preciso não esquecer que ele próprio toma por vezes a noção de ‘ideologia’ num sentido positivo: «A produção das idéias, das representações e da consciência aparece primeiro diretamente entrelaçada com a atividade material e o comércio material dos homens, *como sendo a linguagem da vida real*» [MARX e ENGELS, 1974: 25 – grifado por mim]. E é a partir desse sentido que se desenvolverão algumas

45 Em seu *Le Génie du Christianisme* (1802), CHATEAUBRIAND reprochava os criadores da “ideologia” (= a ciência das idéias) nestes termos: «Os nossos derradeiros *ideólogos* caíram em grande erro, separando a história do espírito humano da história das coisas divinas, e sustentando que a última não leva a nada de positivo... » [1946, vol. II, p. 44].

46 Cf. *Éléments d’Idéologie*, Paris: Courcier, 1801-08. O autor, porém, forjou o termo desde o «Mémoire» que apresentou no Instituto Nacional de Paris, em 1796. Ocorre assim com ‘Ideologia’ a passagem de um termo entendido em paralelo com outros semelhantes como ‘Antropologia’, ‘Biologia’ etc. – ou seja, no sentido de um discurso sistemático acerca de alguma ordem de fenômenos – para um termo que passa a designar o próprio objetivo de estudo; tal como se deu com ‘Mitologia’ (com a diferença, porém, que este último preservou as duas significações).

concepções mais recentes com respeito às quais se inclinam as minhas preferências teóricas.

Na maior parte de sua obra, porém, onde se elabora o núcleo de sua interpretação, ele lhe atribui sentido e funções claramente negativos, sendo a ideologia considerada como a produção imaginária de uma consciência ou de um pensamento que esquece ou desconhece suas origens, suas condições de produção. Aliás, é freqüentemente detectável no pensamento de MARX relativo ao tema o uso mais ou menos explícito de oposições do tipo ‘real/imaginário’, ‘racional/mítico’, ‘verdadeiro/ilusório’ e, enfim, ‘ciência/ideologia’.

Uma terceira significação, finalmente, se encontra em sua obra. Com efeito, ele usa o termo com um sentido, digamos, mais sociológico: neste caso, a ideologia é entendida como o andar superior de uma formação social, segundo sua célebre metáfora arquitetônica acerca da estrutura da sociedade [cf. 1974: 135-6].

A partir desse fundo comum gerado pelo pensamento de MARX é possível identificar três aproches que buscam apanhar a questão conforme diferentes tradições intelectuais⁴⁷. O primeiro deles é constituído por uma leitura relativamente ingênua das ideologias que se limita a informar sobre as representações construídas e inteiramente dadas de uma sociedade ou grupo. Este gênero de empirismo tem sido alvo de inúmeras críticas desde MARX.

O segundo aproche consistiria muito mais em reconhecer nas ideologias certa capacidade de ocultação do real, e em buscar “por trás” das representações sociais seu “verdadeiro” sentido. Estamos agora em face de uma leitura de corte analógico ou hermenêutico que pode ser categorizada como uma modalidade de empirismo crítico, do qual se aproxima o conhecido ensaio de ALTHUSSER [1973: 101-137], onde as ideologias são vistas como as relações imaginárias dos indivíduos com suas condições reais de existência, e cuja função é a de integrar os diversos agentes da produção capitalista numa formação social precisa.

O terceiro aproche, que procura desenvolver a perspectiva aberta por GRAMSCI, inclina-se a ver na ideologia uma “concepção de

47 Nesse breve resumo inicial dos três aproches, sigo a exposição clara de André GENDREAU: «Pour une théorie des idéologies en anthropologie», *Anthropologia*, XXI (2), 1979: 123-142. Contudo, outra formulação sistemática e abrangente se encontra em Martin SELIGER [1976]. Um bom repasse das diferentes concepções, acompanhado de textos originais, está em Kurt LENK [1974]. E uma coletânea recente de ensaios de boa qualidade está em: CENTER FOR CONTEMPORARY CULTURAL STUDIES [1980].

mundo” composta de discursos freqüentemente paralelos ou contraditórios (mas quase sempre fragmentados), os quais se ligam a uma sintaxe comum, ou seja, uma *ideo-lógica* social. Este terceiro tipo de leitura encara a ideologia como autônoma, isto é, nem reflexo direto nem invertido do real, mas sim, a ideologia como produtora de sentido, operação que instaura o real e o transforma⁴⁸.

De fato, GRAMSCI já havia mostrado o caminho que levaria da concepção marxista clássica⁴⁹ aos desdobramentos mais recentes da teoria das ideologias que incorporam as contribuições da semiologia, quando considerava que o campo ideológico não se reduz ao funcionamento da ideologia dominante como instrumento de legitimação do domínio exercido por certas classes sobre outras, mas sim, que ele constitui sobretudo o terreno da tomada de consciência das classes dominadas em luta por uma hegemonia política; o que implica, portanto, a presença simultânea ou consecutiva de várias ideologias. Por outro lado, ele critica a concepção segundo a qual o ideológico seria o sistema superestrutural que reflete e é determinado pela infra-estrutura econômica. GRAMSCI atribui à ideologia um estatuto de constituinte autônomo.

Mas cedamos a palavra a ele próprio: «É mister destruir o preconceito bastante difundido de que a filosofia é algo de muito difícil pelo fato de que é a atividade intelectual própria de uma categoria determinada de sábios especializados ou de filósofos profissionais possuindo um sistema filosófico.

É preciso, pois, demonstrar antes de mais nada que todos os

48 Vai no mesmo sentido a seguinte indagação de RICCEUR: «... de que forma as ilusões, fantasias e fantasmagorias poderiam ter uma eficácia histórica qualquer se a ideologia não possuísse um papel mediador incorporado ao mais elementar vínculo social, como sua constituição simbólica, no sentido dado por Mauss e Lévi-Strauss?» [1973: 74].

Do meu conhecimento, os dois autores que melhor têm explorado essa nova via interpretativa são Marc AUGÉ e Eliseo VERÓN. [Ver do primeiro: 1975 e 1977; e do segundo: 1973, 1978 e 1979]. Seguindo um caminho semelhante, poderia ainda ser mencionado: Jean BAUDRILLARD [1972], mas também no seu *Le Miroir de la Production* (ou *L'illusion critique du matérialisme historique*), Paris: Casterman, 1977.

49 Obviamente, dentro do próprio campo do pensamento marxista, inúmeros autores, a partir de diferentes experiências, formularam severas críticas às simplificações mecanicistas nesse terreno. Assim, aliando este pensamento às aquisições da antropologia estrutural, Lucien SEBAG produziu lúcido ensaio crítico – «Idéologies et Pensée Scientifique» [1967a: 97-222]. Adotando óptica diversa, Cornelius CASTORIADIS introduz uma análise crítica da teoria marxista (especialmente com relação às classes sociais) e destaca o papel fundamental do imaginário na instituição do social-histórico [cf.: *L'Institution Imaginaire de la Société*, Paris: Seuil, 1975]. As indicações nesse sentido poderiam ser multiplicadas; por outro lado, não seria desejável omitir as contribuições que a Escola de Frankfurt deu neste particular [ver especialmente: ADORNO, 1971; HABERMAS, 1973 e 1976; etc.].

homens são ‘filósofos’, definindo os limites e os caracteres dessa ‘filosofia espontânea’, própria de ‘todo o mundo’, isto é, da filosofia que está contida: **1.** na linguagem mesma, que é um conjunto de noções e de conceitos determinados e não, por certo, exclusivamente de palavras gramaticalmente vazias de conteúdo; **2.** no senso comum e no bom senso; **3.** na religião popular e portanto igualmente em todo o sistema de crenças, superstições, opiniões, maneiras de ver e de agir...» [1977: 1319]. Assim, «toda filosofia que se tornou um movimento cultural, uma ‘religião’, uma ‘fé’, isto é, que produziu uma atividade prática e uma vontade, e que se acha contida nestas últimas como ‘premissa’ teórica implícita», pode ser considerada como «uma ideologia... no sentido mais elevado de uma concepção do mundo que se manifesta implicitamente na arte, no direito, na atividade econômica, em todas as manifestações da vida individual e coletiva»; e que tem por função justamente cimentar e unificar o bloco social [*ibid.*, p. 138]. Enfim, GRAMSCI propõe a distinção «entre ideologias historicamente orgânicas, que são necessárias a certa estrutura, e ideologias arbitrárias, racionalistas, ‘queridas’.

Como historicamente necessárias, elas possuem uma validade que é uma validade ‘psicológica’, elas ‘organizam’ as massas humanas, formam o terreno em que os homens se movem, ou que adquirem consciência de sua posição, em que lutam, etc. Como ‘arbitrárias’, elas não criam nada diferente de ‘movimentos’ individuais, de polêmicas, etc. ».

Em seguida, comentando a afirmação de MARX segundo a qual as convicções populares têm freqüentemente a mesma energia que uma força material, ele esclarece que a análise dessa afirmação leva a reforçar a concepção de “bloco histórico”, em que justamente as forças materiais são conteúdo e as ideologias, a forma (essa distinção entre forma e conteúdo é puramente didática, pois as forças materiais não seriam concebíveis historicamente sem forma e as ideologias seriam pequenas fantasias individuais sem as forças materiais) [*ibid.*, p. 207-208; todas as aspas nas citações são do próprio GRAMSCI, que traduzi textualmente].

Feito esse parêntese gramsciano, retomo o terceiro apêndice nalguns de seus desenvolvimentos atuais. Para Marc AUGÉ, por

exemplo, na constituição de uma ‘ideo-lógica’ as representações não são dadas, mas construídas simultaneamente com as organizações: «As grandes linhas da organização econômica, social ou política são o objeto de representações do mesmo modo que a organização religiosa; mais exatamente, organização e representação só se dão sempre conjuntamente; uma organização não existe antes de ser apresentada; não há tão-pouco razão para pensar que uma organização é a representante de outra e que a verdade de um ‘nível’, na linguagem das metáforas verticais, esteja situada num outro nível». [1975: XIX].

Eliseo VERÓN avança um pouco mais nesse esforço de teorização do ideológico, já agora claramente a partir uma perspectiva semiológica, sem contudo desprezar as aquisições válidas das concepções anteriormente consideradas. Ele parte da indagação sobre o modo como seria possível desgarrar-se dos usos “sociais”, não-rigorosos, desta noção. E propõe que o corte ou o distanciamento em relação ao emprego ‘ingênuo’ do termo deve ser feito por meio da distinção entre a ‘ideologia’ e o ‘ideológico’.

Trata-se, pois, não de renunciar ao termo ‘ideologia’, mas antes, de lhe reservar um uso descritivo, não-teórico, e que designaria uma *formação histórica*, no sentido do dicionário: «Sistema de idéias, concepção do mundo, filosofia de vida; conjunto de idéias, crenças e doutrinas próprias de uma época, de uma sociedade ou de uma classe» [*Le Petit Robert*, citado pelo autor]. Caracterização que, como ele próprio assinala, não é absolutamente diferente da de ALTHUSSER: «Uma ideologia é um sistema – possuindo sua lógica e seu rigor próprios – de representações (imagens, mito, idéias ou conceitos, conforme o caso) dotado de uma existência e de um papel históricos no seio de uma dada sociedade» [1965a: 238].

Nota-se facilmente que não temos aí um conceito teórico; ele agrupa as coisas mais diversas: doutrinas, idéias, atitudes, imagens, etc. Isto é, precisamente a sua função: pôr ordem na percepção dos atores sociais em face de uma diversidade de coisas que concernem ao sentido. Só que, de um ponto de vista teórico, é necessário não esquecer que a existência social e histórica desses objetos não é estranha ao fato (também social e histórico) de reconhecê-los e, portanto, de nomeá-los. Eis por que é preciso lembrar a condição plural deste termo: no interior de uma sociedade (das sociedades industriais, pelo menos)

existem vários desses objetos; não estamos, pois, em face de a ideologia, mas de *ideologias*.

Por outro lado, *ideológico* designa não um objeto ou um conjunto de coisas, mas uma *dimensão* da análise do funcionamento social. Teremos o ideológico toda vez que uma produção significativa (quaisquer que sejam os seus suportes ou materiais) é considerada em «*suas relações com os mecanismos básicos do funcionamento social como coerções geradoras do SENTIDO*. Noutras palavras, ‘ideológico’ é o nome do sistema de relações entre um discurso e suas condições (sociais) de produção » [1979: 130]. E a análise das ideologias apanha assim os traços que as condições de produção de um discurso deixaram em sua superfície.

Portanto, se a noção de ‘uma ideologia’ situa-se habitualmente no nível dos *produtos* (idéias, imagens, representações, opiniões, etc.), o conceito de ‘ideológico’ corresponde ao nível das *gramáticas de sua produção*. Na linguagem de Paul RICŒUR, a primeira noção é *temática* ou descritiva, ao passo que a segunda é *operatória* [1973: 70].

Em seguida, VERÓN concebe os fenômenos de *sentido* como tendo sempre, por um lado, a forma de investimentos em conglomerados de matérias sensíveis que se tornam por isso mesmo matérias *significantes* (investimentos susceptíveis de serem descritos como conjuntos de *processos discursivos*), e, por outro lado, como remetendo ao funcionamento de um *sistema produtivo*. Este pode ser visto como um sistema de coerções (produção, circulação e consumo); o mesmo podendo-se afirmar no que concerne ao sentido – tal como pode ser apanhado em matérias significantes que circulam numa sociedade – no qual essas coerções não constituem um todo homogêneo, pois que existem sistemas diferenciados de funcionamento da produção de sentido.

Ou como afirma o próprio autor: «Aqui, nós nos interessamos por aquilo que, dentre essas coerções múltiplas na produção do sentido, remete para os laços que o sentido mantém com os mecanismos de base do funcionamento social, a saber, para aquilo que concerne à ordem do *ideológico* e à ordem do *poder*. Isso não quer dizer que vamos colocar-nos em um *nível* particular do funcionamento social ou que estaremos em face de *um* tipo de matéria significativa. Muito ao contrário: *a ordem do ideológico e a ordem do poder atravessam de uma ponta à outra a sociedade* » [1978: 7 - todos os grifos são de VERÓN].

Como não é possível expor aqui todas as nuances de seu pensamento, cito ainda uma vez textualmente suas palavras a fim de evitar alguma distorção de sua posição: «todo fenômeno social é susceptível de ser ‘lido’ em relação ao ideológico e em relação ao poder. Dizer que o ideológico e que o poder estão em toda parte, é afirmar o princípio de uma leitura, e não a possibilidade concreta de conduzi-lo a termo: estamos bem longe de possuir os instrumentos para mostrar a ubiqüidade do poder e do ideológico.

Ao mesmo tempo, afirmar que o ideológico e que o poder estão em toda parte, é radicalmente diferente de dizer que tudo é ideológico, ou que tudo se reduz à dinâmica do poder. No universo social do sentido, existem *muitas outras coisas* além do ideológico e do poder. O que significa dizer que ‘ideológico’ e ‘poder’ remetem a *dimensões de análise dos fenômenos sociais*, e não a ‘coisas’, a ‘instâncias’ que teriam um ‘lugar’ na topografia social » [*Ibid.*, p. 9].

O esboço dessas concepções em torno do que se convencionou chamar de *ideologia* permite observar, finalmente, que tal dimensão é inerente à própria existência social na medida em que essa realidade é constituída simbolicamente e sempre comporta interpretações, mediante sistemas de representações, acerca das próprias relações sociais [cf. RICCEUR, 1973]. Evitaremos assim, conforme creio, o beco sem saída da via que busca uma superação por meio do confronto entre ciência e ideologia, vã esperança de um racionalismo *à outrance*. Se, por outro lado, admitirmos o *mito* como outro pólo do engendramento do sentido nas sociedades humanas, uma conseqüência se impõe de modo aparentemente paradoxal: *a ideologia é a forma pela qual o pensamento científico contemporâneo diz o mito atual.*

4- MITO E IDEOLOGIA: O MOINHO DO SENTIDO

«Um cachorro soletrava, longe, um mesmo nome, sem sentido».

«Como as palavras se torcem conforme o interesse e o tempo!»

Cecília MEIRELES (Romanceiro da Inconfidência)

«O dever de crítica, em ciência, é segundo em relação ao direito de sonhar: ... o refutador passa muito tempo depois do fazedor de hipóteses».

Michel SERRES (Hermes III: La Traduction)

No final de seu capítulo sobre o mito, André JOLLES recorda a passagem do *Gênesis* em que Jacó recebe em sonho a revelação do futuro de seu povo, formulado na linguagem mítico-profética característica: «*Viu uma escada cujo topo tocava os céus e os Anjos do Senhor subindo e descendo por ela*». Impressionado com a cena, Jacó desperta assustado na manhã seguinte e apanha a pedra sobre a qual descansara a cabeça, e recobre-a de óleo. André JOLLES comenta então esse gesto dizendo: «aquela pedra é um objeto a que foi delegado o poder do mito... e de onde o Mito surgiu, subitamente, como evento efetivo. Do mesmo modo, um retalho de pano colorido pode ser símbolo, desde que seja a bandeira que sob a forma de objeto dê resposta a estas perguntas: Que partido? Que corporação? Que regimento? Que pátria?» [1976: 108].

Encontro em BASTIDE, igualmente, a seguinte observação: «As coisas existem, certamente, mas elas também *significam* algo e essa significação identifica-se com sua existência. Não digamos, pois, que os mitos são falsos, porque nos afastam da objetividade. Se as pessoas combatem ou morrem por uma bandeira, não é por um pedaço de tecido, é por aquilo que a bandeira significa para nós. O mito é verdadeiro, porque ele é experiência vivida, nas profundezas do ser, das significações profundas das coisas » [1968: 1062].

Aproximei intencionalmente estes dois comentários porque eles suscitam várias questões. Mas, sobretudo, porque eles sugerem a indagação a respeito das relações entre mito e ideologia. Questão que, evidentemente, não pretendo rediscutir aqui; mas que fornece o pretexto para concluir estas notas com algumas observações finais.

Não obstante o fato de que as teorias que afirmam ou rejeitam alguma substância para o **mítico** e o **ideológico** nos darem a impressão de que giram incessantemente em círculos equidistantes de um núcleo jamais atingível, não obstante isso, elas tendem quer a subsumir o mito na categoria da ideologia e esse conjunto – cha-

mado de superestrutura – se oporia a uma suposta “consciência real” produzida por um pensamento crítico ou científico; quer, inversamente, a admitir a racionalidade científica como forma ideológica dominante das sociedades modernas, e que pode certamente desempenhar as funções do mito. Se, porém, essa permutabilidade dos conceitos pode apresentar alguma legitimidade no nível do discurso analógico, parece mais adequado preservar as peculiaridades de cada um, bem como as relações de maior envolvimento que cada um deles mantém, respectiva e simultaneamente, com o **sagrado** e o **poder**. A natureza e o momento de cada um desses ingredientes do jogo que tece a urdidura da existência coletiva não podem ser apanhados pela reificação de metáforas que pretendem exprimir a arquitetônica social: teremos que recorrer, conforme lembrava BASTIDE, a uma dialética mais sutil do que aquela de certos intérpretes de MARX.

Encontro nesse pesquisador fascinante e original, que foi Mikhail BAKHTINE (1895-1975), uma reflexão em sua linguagem típica, e creio legítimo trazê-la para cá. Com efeito, em seu derradeiro escrito, de 1974, inspirado nas notas de trabalho de um estudo consagrado aos *fundamentos filosóficos das Ciências Humanas*, ele declarava:

«Uma compreensão recíproca dos séculos e dos milênios, dos povos, das nações e das culturas, assegura a unidade complexa de toda a humanidade, de todas as culturas humanas (a unidade complexa da cultura humana), assegura a unidade complexa da literatura da humanidade. Todos esses fatos só se desvelam na dimensão da grande temporalidade, é aí que toda imagem deve receber seu sentido e seu valor. A análise, ordinariamente, ferve no espaço mesquinho da pequena temporalidade, isto é, na contemporaneidade, num passado imediato e num futuro presumido – almejado ou temido. (...).

Não há palavra que seja a primeira ou a última, não há limites ao contexto dialógico (este se perde num passado ilimitado e num futuro ilimitado). Os próprios sentidos passados, os que nasceram do diálogo com se séculos passados, não são jamais estabilizados (fechados, acabados uma vez por todas). Eles se modificarão sempre (renovando-se) no desenrolar do diálogo subsequente, futuro. Em cada um dos pontos do diálogo que se desenrola, acha-se uma multidão inumerável, ilimitada, de sentidos esquecidos; mas, num dado ponto, no desenrolar do diálogo, ao sabor de sua evolução, sentidos serão

rememorados outra vez e renascerão sob forma renovada (num contexto novo). Nada existe que morra de maneira absoluta. Todo sentido festejará um dia seu renascimento. Eis o problema da grande temporalidade».

O problema do mito e da ideologia se insere, pois, no quadro mais amplo da produção do sentido. O ser humano se define particularmente como um animal fazedor de sentido. Residem aí – nessa inelutável tendência a buscar uma significação para o mundo e para si – a sua grandeza e a sua tragédia. Pouco importa que esse sentido se origine simultaneamente, ou provenha de arquétipos, de interesses conscientes ou de motivações inconscientes, de seu enraizamento no sagrado e de sua relação com o rito, ou de seus referentes objetivos ou alegóricos, ou que se explique, enfim, por sua função social ou por uma estrutura subjacente que revelaria a do espírito humano, etc. O que é irrecusável é a irreprimível necessidade que sente o ser humano de pensar e de sentir sua realidade como algo dotado de significação. Eis aí a questão central. E, pelo menos num de seus aspectos fundamentais, ela foi proposta com argúcia por Lewis CARROLL, no seguinte diálogo de seu *Através do Espelho...*:

«Quando EU emprego uma palavra – replicou Humpty Dumpty, num tom desdenhoso – ela significa exatamente aquilo que eu quero que ela signifique; nem mais nem menos».

«Mas se trata – disse Alice – de saber se você *pode* fazer as palavras dizerem coisas diferentes».

«Trata-se – disse Humpty Dumpty – de saber quem será o Senhor; eis tudo».

Em suma, o mítico e o ideológico constituem dois modos dessa produção ou, antes, dimensões inerentes às modalidades de consciência; ou ainda, noutros termos, diferentes modos de construção histórica de nossas verdades. Mas os homens não descobrem propriamente suas verdades; eles as criam e o fazem com sua imaginação constituinte (Paul VEYNE) nas religiões e nos ritos, nas artes, nas literaturas, nas ciências, nas condutas, etc. Enfim, o

mítico e o ideológico são engrenagens do moinho do sentido, cuja força motriz é constituída pela fantasia, o mistério e a utopia.

É esse o suposto que está na base desse trabalho.

Fortaleza, 29 de Maio de 2007 [Revisto em 7.6.2010].

BIBLIOGRAFIA

a) *Sobre MITO*

ABRAHAM, Karl: 1969 - Rêve et Mythe - contribution à l'étude de la psychologie collective», cap. I de *Psychanalyse et Culture*. Paris: Payot, pp. 5-67.

ALLEAU, René: 1977 - *La Science des Symboles*. Paris: Payot.

BARTHES, Roland: 1975 - *Mitologias* (2^a ed.). São Paulo: Difel.

BASTIDE, Roger: 1968 - La Mythologie», in POIRIER, Jean (sous la direction de): *Ethnologie Générale*. «Encyclopédie de la Pléiade». Paris: Gallimard, pp. 1037-1090.

BAYARD, Jean-Pierre: 1957 - *História das Lendas*. Col. «Saber Atual». São Paulo: Difel.

BENOIST, Luc: 1975 - *Signes, Symboles et Mythes*. «Que sais-je?». Paris: PUF.

BENVENISTE, Émile: 1981 - *Le Vocabulaire des Institutions Indo-européennes*, t. 2. Paris: Minuit.

BERGSON, Henri: 1958 - *Les Deux Sources de la Morale et de la Religion* (88^a éd.). Paris: PUF

BONNEFOY, Yves (sous la direction de): 1981 - *Dictionnaire des Mythologies et des Religions des Sociétés Traditionnelles et du Monde Antique*, 2 vols. Paris: Flammarion.

BOTTÉRO, Jean e **KRAMER**, Samuel Noah: 1989 - *Lorsque les Dieux faisaient l'Homme*. Mythologie Mésopotamienne. Paris: Gallimard.

BULFINCH, Thomas: 1965 - *A Idade da Fábula*. Rio: Edições de Ouro.

CAMPBELL, Joseph:

1978 - *Le Héros aux Mille et Un Visages*. Paris: Robert Laffont.

1990 - *O Poder do Mito* – com Bill Moyers. Org. por Betty Sue Flowers. S. Paulo: Palas Athena.

1992 - *As Máscaras de Deus – Mitologia Primitiva*. São Paulo: Palas Athena.

1994a - *As Máscaras de Deus – Mitologia oriental*. São Paulo: Palas Athena.

1994b - *A Imagem Mítica*. Campinas, SP: Papyrus Edit.

CAPRETINI, Gian Paolo, **FERRARO**, Guido e **FILORAMO**, Giovanni: 1987 - *Mythos / Logos*», *Enciclopédia Einaudi*, v. 12. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, pp. 75-104.

CASCUDO, Luís da Câmara: 1976 - *Geografia dos Mitos Brasileiros* (2ª ed.). Rio de Janeiro: J. Olympio/INL.

CASSIRER, Ernst: 1972 - *Linguagem e Mito*. São Paulo: Perspectiva. 1975 - *Esencia y Efecto del Concepto de Símbolo*. México: FCE.

CASTELLI, Enrico (sous la direction de): 1973 - *Démythisation et Idéologie*. Actes du Colloque organisé par le Centre Intenational d'Études Humanistes et par l'Institut d'Études Philosophiques de Rome. Rome, 4 – 9 Janvier Paris: Aubier / Ed. Montaigne. [Textos de vários colaboradores].

CAZENEUVE, Jean: 1961 - *La Mentalité Archaique*. Paris: A. Colin.

CHATEAUBRIAND: 1946 - *O Genio do Christianismo*, 2 vols. (Tr. de Camillo Castello Branco). Porto: Lello & Irmão.

CHEVALIER, Jean et **GHEERBRANT**, Alain: 1982 - *Dictionnaire des Symboles* (Mythes, Rêves, Coutumes, etc.). Paris: R. Laffont/Júpiter.

CHARAUDEAU, Patrick & **MAINGUENEAU**, Dominique: 2004 - *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto.

CORNFORD, F. M.: 1981 - *Principium Sapientiae* (As origens do pensamento filosófico Grego), 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

DESAUTELS, Jacques: 1988 - *Dieux et Mythes de la Grèce Ancienne*. La Mythologie Gréco-Romaine. Québec: Les Presses de l'Université Laval.

DETIENNE, Marcel: 1976 - O Mito», **in**: LE GOFF, J. e NORA, Pierre (dir.): *História: Novos Objetos*. Rio: Fco. Alves, pp. 52-67.

1981a - *Les Maîtres de Vérité dans la Grèce Archaique*. Paris: Maspero.

1981b - *L'Invention de la Mythologie*. Paris: Gallimard.

1985 - Mythe: Épistémologie des mythes», *Encyclopaedia Universalis*, v. 12. Paris: Encyclopædia Universalis, Éditeur, pp. 890-895.

1987 - Demónios» e «Mito / Rito», *Enciclopédia Einaudi*, v. 12. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, pp. 45-57 e 58-74.

DETIENNE, Marcel (dir.): 1994 - *Transcrire les Mythologies*. Tradition, écriture, historicité. Paris: Albin Michel.

DETIENNE, Marcel & **VERNANT**, Jean-Pierre: 1989 - *Les Ruses de l'Intelligence*. La mètis des Grecs. Paris: Flammarion.

DIEL, Paul: 1989 - *Le Symbolisme dans la Mythologie Grecque*. Préf. de Gaston Bachelard. Paris: Payot.

DUMÉZIL, Georges: 1968 - *Mythe et Épopée - I: L'idéologie des trois fonctions dans les épopées des peuples indo - européens*. Paris: Gallimard. 1977 - *Mythe et Épopée - II: Types épiques indo-européens: un héros, un sorcier, un roi*. Paris: id. 1978 - *Mythe et Épopée - III: Histories romaines*. Paris: Gallimard.

DURAND, Gilbert: 1969 - *Les Structures Anthropologiques de l'Imaginaire*. Paris: Bordas. 1971 - *La Imaginación Simbólica*. B. Aires: Amorrortu.

1998 - *O Imaginário*. (Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem). Rio Janeiro: Difel.

DURKHEIM, Émile: 1968 - *Les Formes Élémentaires de la Vie Religieuse* (5.º éd.). Paris: PUF.

ELIADE, Mircea: S/d. - *O Sagrado e o Profano* (A Essência das Religiões). Lisboa: Livros do Brasil. 1972 - *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva.

1978a - *Mythes, Rêves et Mytères*. Paris: Gallimard.

1978b - *La Nostalgie des Origines*. Paris: Gallimard.

1979a - *Imagens e Símbolos*. Lisboa: Arcádia.

1979b - *Le Mythe de l'Éternel Retour*. Paris: Gallimard.

1981 - *Méhistophèles et Androgyné*. Paris: Gallimard.

ELIOT, Alexander (Coord.): 1976 - *Mitos*. Barcelona: Edit. Labor.

ELVIRA, Antonio Ruiz de: 1984 - *Mitología Clásica*. Madrid: Editorial Gredos.

ESPRIT (revista): 1971 - *Le Mythe Aujourd'hui*, *Esprit*, Paris, avril, n.º 4. [Textos de vários colaboradores].

ÉSQUILO: 1978 - *Tragedias Completas*. Madrid: Aguilar.

ÉTUDES CARMÉLITAINS: 1960 - *Polarité du Symbole* (Les Études Carmélitaines). Bruges: Desclée de Brouwer.

EURÍPEDES: 1978 - *Tragedias Completas*. Madrid: Aguilar.

FABRE, Daniel: 1978 - *Mythe*, in LE GOFF, J. et Al. (eds.): *La Nouvelle Histoire*. Paris: Retz- C.E.P.L., pp.430-37.

FRANZ, Marie-Louise von: 2003 - *Mitos de Criação*. São Paulo: Paulus.

FRAPPIER, Jean: 1976 - *Histoire, Mythes et Symboles*. Études de littérature français. Genève: Droz.

FRAZER, James G.: 1982 - *O Ramo de Ouro* (ed. abreviada). Rio: Círculo do Livro. [Pref. de Darcy Ribeiro].

FROMM, Erich: 1966 - *A Linguagem Esquecida* (uma introdução ao entendimento dos sonhos, contos de fadas e mitos). Rio de Janeiro: Zahar.

GASTER, Theodore H.: 1953 - *Les Plus Anciens Contes de l'Humanité* (Babyloniens, Hittites, Cananéens). Paris: Payot.

1973 - *Mito, Leyenda y Costumbre en el Libro del Génesis*. (Estudio con interpolación de notas de James G. FRAZER). Barcelona: Barral Edits.

GENNEP, A. Van: 1920 - *La Formation des Légendes*. Paris: Flammarion.

GERNET, Louis: 1982 - *Anthropologie de la Grèce Antique*. Paris: Flammarion.

GOODY, Jack: 1986a - *La Raison Graphique* – la domestication de la pensée sauvage. Paris: Minuit.

1986b - *La Logique de l'Écriture*. Aux origines des sociétés humaines. Paris: A. Colin.

GORDON, R. L. (ed.): 1981 - *Myth, Religion and Society*. Cambridge Univ. Press/Paris: Maison des Sc. de l'Homme.

GRASSI, Ernst: S/d. - *Arte e Mito*. Lisboa: Livros do Brasil.

GREIMAS, A. J.: 1966 - «Éléments pour une théorie de l'interprétation du récit mythique», *Communications*, Paris, n.º 8: 28-59. - 1976 - «La littérature ethnique», *Sémiotique et Sciences Sociales*. Paris: Seuil, pp. 189-216.

GRIMAL, Pierre: 1979 - *Dictionnaire de la Mythologie Grecque et Romaine*. Paris: PUF. 1982 - *A Mitologia Grega*. São Paulo: Brasiliense.

GUÉDEZ, Annie: 1974 - «Mito», in DUVIGNAUD, Jean (org.): *A Sociologia - Guia Alfabético*. Rio de Janeiro: Forense-Univ., pp. 226-31.

GUIAR, Jean: 1968 - «Des Multiples Niveaux de Signification du Mythe», *Arch. de Sociol. des Religions*, Paris, n° 26: 55-71.

GUSDORF, Georges: 1953 - *Mythe et Métaphysique*. Paris: Flammarion.

HERÓDOTO: S/d - *História*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro.

HESÍODO: 1981 - *Teogonia - origem dos Deuses*. (Estudo e trad. de Jaa Torrano). S. Paulo: Massao Ohno- Roswitha Kempf. 1986 - *Teogonia / .Trabajos y Dias / Escudo / Certamen*. Introducción, traducción y notas de Adelaida y María Angeles Martín Sánchez. Madrid: Alianza

HOLANDA, Sérgio B. de: 1979 - *Tentativas de Mitologia*. São Paulo: Perspectiva.

HOMERO: 1955 - *A Odisséia*. (Trad. de M. Odorico Mendes). São Paulo: Atena Edit. 1952 - *The Iliad*. "Great Books - 4". Chicago, etc.: Encyclopaedia Britannica.

IZARD, Michel et **SMITH**, Pierre (orgs.): 1979 - *La Fonction Symbolique* (Essais d'anthropologie). Paris: Gallimard.

JESI, Furio: 1977 - *O Mito*. Lisboa: Presença.

JOLLES, André: 1976 - *Formas Simples* (Legenda, Saga, Mito, Adivinha, Ditado, Caso, Memorável, Conto, Chiste). S. Paulo: Cultrix.

JAEGER, Werner: 1957 - *Paideia: los ideales de la cultura griega*. México: FCE.

JUNG, C. G.: 1980? - *O Homem e seus Símbolos*, 2.^a ed. (com a col. de: M.L. von Franz, J. L. Henderson, J. Jacobi, Aniela Jaffé). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

JUNG, C. C. et **KERÉNYI**, Ch.: 1980 - *Introduction à l'Essence de la Mythologie*. Paris: Payot.

KIRK, G. S.: 1973 - *Myth: its Meaning and Functions in Ancient and Other Cultures*. Berkeley / Los Angeles: Univ. of California Press/Cambridge Univ. Press.

KOLAKOWSKI, Leszek: 1981 - *A Presença do Mito*. Brasília: EdUnB.

LANGER, Susanne K.: 1971 - *Filosofia em Nova Chave* (Um estudo do simbolismo da Razão, Rito e Arte). S.P.: Perspectiva. 1980 - *Sentimento e Forma*. São Paulo: Perspectiva.

LEACH, Edmund (ed.): 1972 - *Estructuralismo, Mito y Totemismo*. B. Aires: Nueva Visión.

LEACH, Edmund R.: 1969 - *Genesis as Myth and Other Essays*. London: Jonathan Cape. 1976 - *Culture & Communication: the logic by which symbols are connected*. Cambridge Univ. Press

LÉVI-STRAUSS, Claude: 1958 - *Anthropologie Structurale*. Paris: Plon. 1969 - *La Pensée Sauvage*. Paris: Plon. 1964 - *Mythologiques I: Le Cru et le Cuit*. Paris: Plon. 1966 - *Mythologiques II: Du Miel aux Cendres*. Paris: Plon. 1968 - *Mythologiques III: L'Origine des Manières de Table*. Paris: Plon. 1971 - *Mythologiques IV: L'Homme Nu*. Paris: Plon. 1973 - *Anthropologie Structurale Deux*. Paris: Plon. 1981 - *Mito e Significado*. Lisboa: Edições 70.

L'HOMME – Revue Française d'Anthropologie: 1988 - «Le Mythe et ses métamorphose». Paris: ÉHÉSS, avril-sept. [Col. de 21 especialistas].

MALINOWSKI, Bronislaw: 1958 - *Estudios de Psicología Primitiva* (El complejo de Édipo). B. Aires: Paidós. 1974 - *Magia, Ciencia y Religión*. Barcelona: Ariel.

MAUSS, Marcel: 1968 - *Œuvres: 1. les fonctions sociales du sacré*. Paris: Minuit. 1969 - *Œuvres: 2. représentations collectives et diversités des civilisations*. Paris: Minuit.

MÉNARD, René: 1985 - *Mitologia Greco-Romana*, 3 vols. São Paulo: Fittipaldi Editores. [Título original: *La Mythologie dans l'Art Ancien et Moderne*].

MIELIETINSKI, E. M.: 1987 - *A Poética do Mito*. Trad. de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.

MORAZÉ, Charles: 1975 - «Les mythes, les sciences et l'invention sociale», *Annales*, Paris, 30^e An., n.º 5: 953-974.

OVÍDIO: 1945 - *Obras* (Trad. de A. Feliciano de Castilho). São Paulo: Edições Cultura.

PANDOFO, M^a. do Carmo P.: 1981 - *Mito e Literatura*. Rio: Plurarte. 1983 - *Estrutura e Mito* (Int. a posições de Lévi-Strauss). Rio e Fortaleza: Tempo Brasileiro / Edições UFC. (Com a colaboração de Celina M^a. M. de Mello).

PATLAGEAN, Evelyne: 1978 - «L'Histoire de l'Imaginaire», in LE GOFF, Jacques *et Al.* (eds.): *L'Histoire Nouvelle*. Paris: Retz- C. E. P. L., pp. 249-69.

PEREIRA, M^a. Helena da Rocha: 1980 - *Estudos de História da Cultura Clássica*, vol. I: Cultura Grega. (5^a ed.). Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian.

PEREIRA, Nunes: 1980 *M- oronguetá - Um Decameron Indígena*, 2 vols. (2^a ed.). Rio: Civiliz. Brasileira/INL.

PETERS, F. E.: 1983 - *Termos Filosóficos Gregos* (Um léxico histórico). Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian.

PLUTARCO: 1952 - *Vidas Paralelas*. 2 vols. Buenos Aires: El Ateneo.

PROPP, Vladimir: 1973 - *Morphologie du Conte*, suivi de «Les Transformations des Contes Merveilleux», etc. Paris: Poétique/Seuil. 1975 - *Edipo Alla Luce del Folclore* (Quattro studi di etnografia storico-strut-

turale). Torino: G. Einaudi. 1983 - *Les Racines Historiques du Conte Merveilleux*. Paris: Gallimard.

RAMNOUX, Clémence: 1985 - «Mythe: Mythos et Logos», *Encyclopaedia Universalis*, v. 12. Paris: Encyclopædia Universalis, Éditeur, pp. 881-883.

RAVEN, J. E. - **KIRK**, G. S.: 1982 - *Os Filósofos Pré-Socráticos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (Em especial o cap. I: «Os Precursores da Cosmogonia Filosófica»).

RIBEIRO, Joaquim Chaves: 1962 - *Íocabulário e Fabulário da Mitologia*. São Paulo: Martins.

RICŒUR, Paul: 1969 - *Le Conflit des Interprétations*. Paris: Seuil. 1985 - «Mythe: l'Interprétation philosophique», *Encyclopaedia Universalis*, v. 12. Paris: Encyclopædia Universalis, Éditeur, pp. 883-890.

RÓHEIM, Géza: 1974 - *La Panique des Dieux et autres essais*. Paris: Payot.

SCHELLING, Friedrich Wilhelm Joseph von: 1994 - *Philosophie de la Mythologie*. Tradui par Alain Pernet. Grenoble: Jérôme Millon. [Préf. de Marc Richir: «Quést-ce qu'un Dieu? Mythologie et question de la pensée», pp. 5-85; Postface de François Chenet: «Schelling et l'Orien», pp. 449-491]. 1997 - *Leçons Inédites sur la Philosophie de la Mythologie*. Grenoble: Jérôme Millon.

SCHMIDT, Joël: 1965 - *Dictionnaire de la Mythologie Grecque et Romaine*. Paris: Larousse.

SCHUTZ, Alfred: 1974 - «Don Quijote y el problema de la realidad» in *Estudios sobre Teoría Social*. Buenos Aires: Amorrortu, pp. 133-152.

SEBAG, Lucien: 1967a - *Marxisme et Structuralisme*. Paris: Payot. 1967b - «O mito: código e mensagem», in **COELHO**, Eduardo

Prado (org.): *Estruturalismo - antologia de textos teóricos*. Lisboa: Martins Fontes, pp. 191-209.

SMITH, Pierre et SPERBER, Dan: 1971 - «Mythologiques de Georges Dumézil», *Annales*, Paris, Année 26, n.º 3 et 4: 559-86.

SMITH, Pierre: 1985 - «Mythe: Approche ethnosociologique», *Encyclopaedia Universalis*, v. 12. Paris: Encyclopaedia Universalis, Éditeur, pp. 879-881.

SÓFOCLES: 1978 - *Tragedias Completas*. Madrid: Aguilar.

SOUZA, Eudoro de: 1973 - *Dionísio em Creta e outros ensaios* (Estudos de Mitologia e Filosofia da Grécia Antiga). São Paulo: Duas Cidades.
1975- *Horizonte e Complementaridade* (Ensaio sobre a relação entre mito e metafísica nos primeiros filósofos gregos). São Paulo: Duas Cidades
1981 - *História e Mito*. Brasília: Edit. Univ. de Brasília.

TESTART, Alain: 1991 - *Des Mythes et des Croyances*. Esquisse d'une théorie générale. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme.

TODOROV. Tzvetan: 1978 - *Poétique de la Prose* (Nouvelles recherches sur le récit). Paris: Seuil.

VERNANT, Jean-Pierre: 1965 - *Mythe et Pensée chez les Grecs*. Paris: Maspero.

1972 - *As Origens do Pensamento Grego*. São Paulo: Duas Cidades.

1974 - *Mythe et Société en Grèce Ancienne*. Paris: Maspero.

1981 - «Le tyran boiteux: d'Œdipe à Périandre» in PONTALIS, J.-B. (ed.): *Le Temps de la Réflexion* - II. Paris: Gallimard, pp. 235-255.

1985 - *Mythe & Pensée chez les Grecs*. Études de psychologie historique. Paris: La Découverte.

1990 - *Mythe et Religion en Grèce Ancienne*. Paris: Seuil.

2000 - *O Universo, os Deuses, os Homens*. Mitos gregos contados pelo autor. São Paulo: Companhia das Letras.

VERNANT, J. P. e VIDAL-NAQUET, Pierre: 1977 - *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo: Duas Cidades. 1986 - *Mythe et Tragédie en Grèce Ancienne* – II. Paris: La Découverte.

VEYNE, Paul: 1984 - *Acreditavam os Gregos em seus Mitos?* (Ensaio sobre a Imaginação constituinte). São Paulo: Brasiliense.

VIRGILIO: 1948 - *Œuvres Completes*. (Edição latina estabelecida por René PICON). Paris: A. Hatier.

WITTGENSTEIN, Ludwig: 1977 - «Remarques sur *Le Rameau d'Or* de Frazer» (trad. de J. Lacoste), *Actes de la Recherche en Sc. Sociales*, n° 16: 35-42, texte présenté et commenté par Jacques Bouveresse.

b) Sobre IDEOLOGIA

ADORNO, Theodor W.: 1971 - *La Ideología como Lenguaje*. Madrid: Taurus.

ALTHUSSER, Louis: S/d - *Sobre O Trabalho Teórico*. Lisboa: Presença. 1973 - «Ideología y Aparatos Ideológicos del Estado». *Estudios Interdisciplinarios*, Córdoba (Argentina), out., n.º 1: 101-137.

1974 - *Filosofia e Filosofia Espontânea dos Cientistas*. Lisboa: Presença.

ANSART, Pierre: 1977 - *Idéologies, Conflits et Pouvoir*. Paris: PUF

AUGÉ, Marc: 1975 - *Théorie des Pouvoirs et Idéologie*. Paris: Hermann. 1977 - *Pouvoirs de Vie, Pouvoirs de Mort* (Introduction à une anthropologie de la répression). Paris: Flammarion.

BADIOU, Alain et BALMÈS, François: 1967 - *De l'Idéologie*. Paris: Maspero.

BAECHLER, Jean: 1976 - *Qu'est-ce que l'Idéologie?* Coll. «Idées». Paris: Gallimard.

BAKHTINE, Mikhail: 1977 - *Le Marxisme et la Philosophie du Langage* (essai d'application de la méthode sociologique en linguistique). Paris: Minuit.

BAUDRILLARD, Jean: 1972 - *Pour une Critique de l'Économie Politique du Signe*. Paris:

BERGER, P. L. and **LUCKMANN**, Thomas: 1971 - *The Social Construction of Reality*. London: Penguin Books. [Há trad. Ed. Vozes]

BIRNBAUM, Norman: 1962 - «The Sociological Study of Ideology (1940-60): a trend report and bibliography» (ISA). *Current Sociology/La Sociologie Contemporaine*, v. IX, n.º 2.

BOURDIEU, Pierre: 1972 - *Esquisse d'une Théorie de la Pratique*. Genève: Droz. 1974 - *A Economia das Trocas Simbólicas* (Intr., org. de S. Miceli). S. Paulo: Perspectiva.

BRAGA, Maria Lúcia Santaella: 1980 - *Produção de Linguagem e Ideologia*. São Paulo: Cortez Ed. Centre For Contemporary Cultural Studies (Birmingham):1980 - *Da Ideologia*. Rio de Janeiro: Zahar.

CHÂTELET, François (org.): 1978a - *Histoire des Idéologies*. t. 1: *Les mondes divins jusqu'au VIII^e siècle de notre ère*. Paris: Hachette. 1978b - *Idem*, t. 2: *De l'Église à l'État du IX^e au XVI^e Siècle*. Paris: Hachette. 1978c - *Idem*, t. 3: *Savoir et pouvoir du XVII^e au XX^e siècle*. Paris: Hachette.

COHN, Gabriel: 1973 - *Sociologia da Comunicação- Teoria e Ideologia*. São Paulo: Pioneira

DELEUZE, Gilles: 1975 - *I lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva/Edusp.

DHOQUOIS, Guy: 1972 - «Sur les modes de production: l'idéologie». *L'Homme et la Société*, Paris: Jan.-mars, nº 23: 189-197.

DUMONT, Fernand: 1974 - *Les Idéologies*. Paris: PUF.

DUVIGNAUD, Jean 1969 - «L'Idéologie, cancer de la conscience», *Cahiers Int. de Sociologie*, Paris, v. 16: 37-50.

DUVIGNAUD, Jean (org.): 1979 - *Sociologie de la Connaissance*. Paris: Payot.

ESTABLET, Roger: 1974 - «Cultura e Ideologia», *Tempo Brasileiro* (A História e os Discursos), Rio de Janeiro, jan.-jun., n.º 36/37: 121-127.

FAYE, Jean Pierre: 1972 - *Théorie du Récit - introduction aux. «langages totalitaires»*. Paris: Hermann.

FERRAROTTI, Franco: 1977 - «Le concept d'idéologie chez Lucien Goldmann», in VV.AA.: *Le Structuralisme Génétique - L'œuvre et l'influence de Lucien Goldmann*. Paris: Denoël / Gonthier, pp. 59-66.

FOUCAULT, Michel: 1966 - *Les Mots et les Choses*. Paris: Gallimard. 1971 - *L'Ordre du Discours* (Leçon inaugurale au Collège de France, 2.12.1970). Paris: Gallimard.

GABEL, Joseph: 1974 - *Idéologies*. Paris: Anthropos. 1975 - «Idéologie», *Encyclopaedia Universalis*, Paris, Vol. 8: 718-21.

GEERTZ, Clifford: 1978 - *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar. [V. cap. específico].

GEIGER, Theodor: 1972 - *Ideología y Verdad*. Buenos Aires: Amorrortu.

GENDREAU, André. 1979 - Pour une théorie des idéologies en anthropologie”, *Anthropologica*. v. 21 (2): 123-42.

GOLDMANN, Lucien: 1970 - *Marxisme et Sciences Humaines*. Paris: Gallimard. 1972 - *Recherches Dialectiques*. Paris: Gallimard.

GRAMSCI, A.: 1968 - *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio: Civilização Brasileira. 1977 - *Gramsci dans le Texte*/Recueil réalisé sous

la direction de François RICCI en collaboration avec Jean BRAMANT/ Paris: Ed. Sociales.

GREIMAS, A. J. 1976 - *Sémiotique et Sciences Sociales*. Paris: Seuil.

GURVITCH, Georges: 1960 - *A Sociologia de Karl Marx*. São Paulo: Anhembi. [Sobretudo cap. X].

HABERMAS, Jürgen: 1973 - *La Technique et la Science comme «Idéologie»*. Paris: Gallimard. 1976 - *Connaissance et Intérêt*. Paris: Gallimard.

HERBERT, Thomas: 1974 - «Notas para uma teoria geral das ideologias», in ESCOBAR, C. Henrique (org): *Psicanálise e Ciência da História*. Rio de Janeiro: Eldorado, pp. 183-204.

HYPOLITE, Jean: 1970 - «O 'científico' e o 'ideológico' sob uma perspectiva marxista». *Tempo Brasileiro* (A Crise do Pensamento Moderno/3), Rio de Janeiro, abr.-jun., n.º 25: 19-28.

IANNI, Octávio: 1976 - *Imperialismo e Cultura*. Petrópolis: Vozes.

IPOLA, Emílio de: 1975 - «Crítica a la teoría de Althusser sobre la Ideología». *Uno en Dos*, julio, n.º 5: 7-39.

JAKUBOWSKI, Franz: 1976 - *Les Superstructures Idéologiques dans la conception matérialiste de l'Histoire*. Paris: EDI.

KRISTEVA, Julia et Al.: 1983 - *Língua, Discurso, Sociedade*. São Paulo: Global.

LADRIÈRE, Jean: 1977 - *A Articulação do Sentido*. São Paulo: EPU/Edusp.

LEFORT, Claude: 1979 - *As Formas da História* (ensaios de antropologia política). S. Paulo: Brasiliense.

LENK, Kurt: 1974 - *El Concepto de Ideología – comentario crítico y selección sistemática de textos*. B. Aires: Amorrortu.

LUKÁCS, György: 1960 - *Histoire et Conscience de Classe* (1923). Paris: Minit.

LUSINCHT, P.: 1978 - «L'Idéologie du roman de masse», *Cab. Int. de Sociol.*, vol. LXV: 347-58.

MAINGUENEAU, D.: 1976 - *Initiation aux Méthodes de l'Analyse des Discours*. Paris: Hachette-Université.

MANNHEIM, Karl: 1956 - *Ideologia e Utopia*. Porto Alegre: Ed. Globo. 1957 - *Ensayos de Sociología de la Cultura*. Madrid: Aguilar.

MARTINS, Wilson: 1977/9 - *História da Inteligência Brasileira* (7 vols.). São Paulo: Cultrix.

MARX, Karl: 1965 - *Œuvres* (Économie, t. I), «Bibliothèque de la Pléiade». Paris: Gallimard. 1974 - «Prefácio à Crítica da Economia Política» (1859). In: *Manuscritos Econômico-Filosóficos e Outros Textos Escolhidos*. “Os Pensadores”. São Paulo: Abril. 1977 - *O 18 Brumário...* Rio de Janeiro: Paz e Terra (3ª ed.).

MARX, Karl e **ENGELS**, F.: 1974 - *La Ideología Alemana*. Montevideo: Ed. Pueblos Unidos (5ª ed.).

MENDONZA, Carlos Alcedo: S/d - «Ideología – Trayectoria histórica y aplicaciones del término». Caracas: Oficina de Estudios Socioeconómicos (DESE).

MENEZES, E. Diatay B. de: 1978 - «Sobre a “Neutralidade” das Ciências», *Rev. de C. Sociais* (UFC), Fortaleza, v. IX, n.º 1/2 [número monográfico sobre ‘Ciência, Mito e Filosofia’], pp. 15-40.

MONTEIRO, João Paulo: 1975 - *Teoria, Retórica, Ideologia*. São Paulo: Ática.

MORAES, Eduardo Jardim de: 1978 - *A Brasilidade Modernista: sua dimensão filosófica*. Rio de Janeiro: Graal.

NEIVA Jr., Eduardo 1983 - *Táticas do Signo – semiótica & ideologia*. Rio: Achiamé.

NEVES, Luiz Felipe Baeta: 1979 - *O Paradoxo do Coringa e o Jogo do Poder & Saber*. Rio de Janeiro: Achiamé.

RANCIÈRE, Jacques: 1971 - *Sobre a Teoria da Ideologia: a política de Althusser*. “Textos de Apoio 5”. Porto: Portucalense edit.

RASTIER, François: 1972 - *Idéologie et Théorie des Signes*. The Hague/Paris: Mouton. Revista de Cultura Vozes: 1973 - *Teoria do Simbólico, Ideologia e Psicanálise*, n.º 6.

RICŒUR, Paul: 1969 - *Le Conflit des Interprétations* (essais d’Herméneutique). Paris: Seuil. 1973 - *Interpretação e Ideologias* (2ª ed.) Rio de Janeiro: Francisco Alves.

RODINSON, Maxime: 1977 - «Idéologie Sociale et Idéologie Personnelle», *Diogène*, Paris: jan.-mars, n.º 97: 3-25.

SEIXAS, Cid: 1981 - *O Espelho de Narciso - Livro 1: Linguagem, cultura e Ideologia no idealismo e no marxismo*. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/INL-MEC.

SERVIER, Jean: 1982 - *L’Idéologie*. Coll. «Que sais-je» n.º 2005. Paris: PUF.

SHILS, Edward/JOHNSON, Harry M.: 1975 - «Ideologia». In: STILLS, David L. (Ed.): *Encicl. Int. de las C. Sociales*. Madrid: Aguilar, v. 5: 598-615.

SILVA, Ludovico: 1975 - *La Plusvalia Ideológica*. Venezuela: Univ Central de Venezuela.

SIMON, Michel: 1978 - *Comprendre les Idéologies: les croyances, les idées, les valeurs*. Coll. «Synthèse». Lyon: Chronique Sociale. VV. AA.: 1972 - *Literatura e Ideología*. “Comunicación 18”. Madrid: Alberto Corazón Ed.

VERÓN, Eliseo *et Al.*: 1969 - *Lenguaje y Comunicación Social*. B. Aires: Nueva Visión.

VERÓN, Eliseo: 1970 - *Ideologia, Estrutura e Comunicação*. São Paulo: Cultrix.

1973 - «Remarques sur l'Idéologique comme production de Sens», *Sociologie et Sociétés*, vol. 5 (2); 45-70.

1978 - «Sémiosis de l'Idéologie et du Pouvoir», *Communications*, Paris, n° 28: 7-20 [Todo este n.º é dedicado a: «Idéologies, discours, pouvoirs»].

1979 - «Dictionnaire des idées non reçues», *Connexion*, Paris, n.º 27.

1980 - *A Produção de Sentido*. São Paulo: Cultrix/Edusp.

VOGT, Carlos: 1980 - *Linguagem, Pragmática e Ideologia*. São Paulo: Hucitec/Funcamp.

ZEITLIN, Irving: 1973 - *Ideología y Teoría Sociológica*. Buenos Aires: Amorrortu.